

## Uma perspectiva sapatão para o estudo do Jornalismo

Paula Silveira-Barbosa<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir de breve revisão bibliográfica, detalho no que consiste uma perspectiva sapatão de análise e discuto o impacto da adoção dessa categoria em pesquisas sobre o jornalismo e a imprensa. A ideia é provocar um debate sobre a relação entre jornalismo, pesquisa científica e a produção e reprodução de desigualdades e assimetrias de poder nesses espaços. Para isso, discorro sobre a noção de lésbica/sapatão, além de discutir sobre as bases epistemológicas do jornalismo e sua relação com a heteronormatividade. Por fim, a figura da sapatão é apresentada como metáfora para guiar uma virada epistemológica.

**Palavras-chave:** Perspectiva sapatão; perspectiva lésbica; jornalismo

### A Dyke-Perspective to Study Journalism

**Abstract:** From a brief bibliographic review, I detail what constitutes a dyke-perspective and discuss the impact of adopting this category in research on journalism and press. The idea is to provoke a debate about the relationship between journalism, scientific research and the production and reproduction of inequalities and asymmetries of power in these spaces. To achieve that, I expatiate the notion of lesbian/dyke, in addition to discussing the epistemological bases of journalism and its relationship with heteronormativity. Finally, the figure of the dyke is presented as a metaphor to guide an epistemological turn.

**Keywords:** Dyke-perspective; lesbian perspective; journalism.

### Introdução

*“A Perspectiva Lésbica é auto-criação furiosa”  
Julia Penelope (1990, tradução minha<sup>2</sup>)*

Neste ensaio, discorro sobre a pertinência de uma *perspectiva sapatão* para o estudo do jornalismo. Com isso, pretendo aprofundar o debate que propus em minha dissertação a respeito de uma *perspectiva sapatão de análise*. Naquela pesquisa, meu objetivo foi traçar um histórico sobre a Imprensa Lésbica brasileira, entre os anos de 1981 e 1995. A partir daí, reuni um compilado de boas práticas que podem ser utilizadas para aprimorar o fazer jornalístico nas redações tradicionais (SILVEIRA-BARBOSA, 2019).

Entendo que essa categoria, que chamo de *sapatão*, reúne uma série de desvios normativos, para além da orientação sexual, e, portanto, pode ser vista como ponto de partida

<sup>1</sup> Jornalista formada pela Universidade de Brasília (2017) e mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2019). E-mail: [paulaesb@yahoo.com](mailto:paulaesb@yahoo.com).

<sup>2</sup> Texto original: “The Lesbian Perspective is furious self-creation” (PENELOPE, 1990, p. 106).



para transformações sociais amplas. Foi dessa forma que construí meu estudo e neste espaço, quero abrir um diálogo teórico e de maior abrangência com outros pesquisadores. Diante da tão alardeada crise do jornalismo, acredito ser oportuno repensarmos nossos modos de conhecer, investigar e fazer o jornalismo.

Para demonstrar a pertinência de uma abordagem *sapatão*, parto de uma breve revisão bibliográfica sobre a noção de lésbica/lesbianidade e sobre a imbricação da heteronormatividade na produção jornalística. Se masculino é o gênero do jornalismo, como aponta Marcia Veiga (2010), talvez seja no devir subversivo representado pela existência lésbica (WITTIG, 1980a) que estejam as pistas para subverter as assimetrias e desigualdades produzidas e reproduzidas pelo jornalismo.

### **A sapatão**

Pelo menos desde a década de 1980, pesquisadoras lésbicas e feministas teorizam sobre a politização da condição lésbica (WITTIG, 1980a; LESSEPS, 1980; RICH, 1980; CLARKE, 1983; LORDE, 2019 [1984]). Enquanto parte dos estudiosos da época se dedicava ao debate sobre a normalidade/anormalidade das práticas homossexuais, essas autoras já percebiam a dimensão política da existência lésbica.

A francesa Monique Wittig foi, provavelmente, o maior expoente dessa perspectiva (MOGROVEJO, 2008). Sua produção acadêmica está centrada na denúncia da heterossexualidade como um regime de dominação política das mulheres. Para ela, mais do que uma forma de relacionamento, a heterossexualidade pressupõe que a existência das mulheres esteja subjugada aos homens. Ou seja, as mulheres se materializam numa dimensão relacional com aqueles que as oprimem.

Diante disso, Wittig sugere que a existência lésbica é uma forma de escapar desse esquema opressivo. Definir-se a partir de si mesma e construir uma materialidade independente do domínio sexual, político e econômico dos homens é, para Wittig, o devir lesbiano. Nesse sentido, é pertinente pontuar que a autora coloca a figura da lésbica como algo além do sistema patriarcal. Ou seja, trata-se de uma existência que transcende essa estrutura; não pode ser compreendida dentro dela. A lesbianidade, em Wittig, é, portanto, potência transformadora, lócus de superação do patriarcado.

Apesar da visão pioneira de Wittig, considero que outras autoras trouxeram elementos que nos permitem avançar em sua proposta. Embora a pesquisadora coloque a lesbianidade numa dimensão simbólica, entendo que é na materialidade dos corpos e das práticas sociais que a lesbianidade é constituída. Evidentemente, isso não altera a dimensão política da lesbianidade,

mas lança luz sobre as diferentes formas como ela pode ser vivida e experimentada. Ao discorrer sobre a trajetória de mulheres racializadas e escravizadas no período de colonização da América, por exemplo, Tanya Saunders (2017) demonstra como esse debate pode ser complexificado.

O momento da invenção da homossexualidade e seu enraizamento na raça não deve ser uma grande surpresa, visto que os estudiosos europeus e americanos, na sua obsessão com a definição de quem era humano e quem não era humano, como um meio de explicar e justificar uma ordem social a partir da qual eles se beneficiaram, estudaram todos os aspectos da fisiologia e do comportamento humano, em uma tentativa de mostrar sistematicamente o que diferenciava os brancos cristãos privilegiados dos que não o eram, como um esforço para justificar (naturalizar) as práticas sociais e econômicas que, como resultado da lógica científica emergente da época, produziu um grupo generificado e sexualizado/racializado que seria então escrito fora da sociedade, fora do mundo do humano (SAUNDERS, 2017, p. 105-106).

A reflexão de Saunders (2017) inclui novas dimensões no debate sobre lesbianidade. Esta marca foi utilizada sistematicamente ao longo da história para identificar sujeitos indesejáveis, independentemente de como eles viam suas práticas sexuais e afetivas. É o caso das mulheres negras, por exemplo. Após examinar a construção da literatura médica sobre sexualidade, Saunders (2017) conclui que a heteronormatividade está diretamente relacionada às questões raciais e de classe.

[...] a não-branquitude, especificamente a negritude, automaticamente indicava que uma mulher era provavelmente uma lésbica, provavelmente tinha um clitóris grande, tão grande, de fato, que ela provavelmente estuprou meninas brancas. Outros relatos incentivavam as escolas a manterem as meninas negras e as meninas brancas separadas porque em um momento de paixão os testículos e os pênis escondidos nas vaginas das meninas negras podiam descer e elas violentariam uma inocente moça branca (SAUNDERS, 2017, p. 110-111).

A partir do estudo de Saunders (2017), assim como de outras pesquisadoras como Audre Lorde (1983, 2019 [1984]) e Cheryl Clarke (1983), entendo que não é somente na figura da lésbica que se encontra o cadinho de resistência e superação do patriarcado. É na existência das mulheres racializadas, dissonantes dos padrões de feminilidade, desprivilegiadas economicamente, que reside uma potência verdadeiramente transformadora. E a ela chamo de *sapatão*. Meu entendimento é de que os sistemas normativos atuam de maneira conjunta e a *sapatão* reúne uma série de elementos que subvertem todos esses esquemas simultaneamente.

Entretanto, é importante destacar que essa proposta não é totalmente nova, já que há algum tempo pesquisadores do campo dos Estudos Feministas, de Gênero e Queer vêm



ensionando as categorias de análise científicas e desorganizando a ordem imposta pela racionalidade moderna (LOURO, 2007; MOGROVEJO, 2008). Ainda assim, considero pertinente demarcar este espaço, tendo em vista o histórico apagamento ao qual as lésbicas foram submetidas. Trata-se de uma postura política, que pretende elevar esse lugar de subalternidade a um espaço de produção autônoma e criativa cujo objetivo é superar desigualdades e assimetrias de poder. Nesse sentido, meu pensamento está alinhado à proposta aventada por Julia Penelope (1990), quando a autora escreveu que: “nós precisamos pensar *lésbica*. Nós precisamos pensar *sapatão*. Nós precisamos parar de sermos complacentes com o nosso próprio apagamento” (PENELOPE, 1990, p. 104, grifos da autora, tradução minha<sup>3</sup>).

### O jornalismo

Em razão das particularidades do campo jornalístico, entendo que é ainda mais urgente “pensar *sapatão*”, como sugeriu Penelope (1990). Por ser um espaço complexo de comunicação, o jornalismo está sujeito a diversas interferências. Tal como qualquer produto de seu tempo, o jornalismo reflete valores e crenças da sociedade na qual está inserido – e entre esses valores está a heteronormatividade (VEIGA, 2010).

Numa incursão etnográfica, a pesquisadora Marcia Veiga (2010) acompanhou o funcionamento de uma redação jornalística do Rio Grande do Sul. Lá, a estudiosa teve a oportunidade de verificar a produção e reprodução de desigualdades e preconceitos desde o momento da concepção das pautas até a exibição das reportagens na televisão.

Contudo, é importante pontuar que essa questão não resulta apenas da ação individual de parte dos profissionais de imprensa e/ou das políticas editoriais das empresas de comunicação. Se pusermos atenção ao modo como a disciplina jornalística foi elaborada ao longo do tempo, será possível compreender por que a heteronormatividade é uma presença tão forte em produtos jornalísticos.

Tributária da racionalidade moderna, a base epistemológica do jornalismo reproduz as limitações desse pensamento. Exemplo disso são as noções de objetividade, neutralidade, imparcialidade e verdade forjadas no fazer jornalístico.

As construções simbólicas operadas na racionalidade dominante dos modos de objetivação jornalística historicamente participam dos processos de transformação de diferenças em desigualdades, contribuindo para a manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo.

<sup>3</sup> Texto original: “We need to think LESBIAN. We need to think DYKE. We need to stop being complacent about our self-erasure.” (PENELOPE, 1990, p. 104).



[...] Servindo como uma das bases do jornalismo, esta racionalidade delineou as noções de verdade e credibilidade assentada em uma estrutura mental positivista, binária e simplificadora para a apreensão dos acontecimentos, partindo da negação/interdição da subjetividade nos processos cognitivos e baseando seus métodos e técnicas em estratégias (como a verificação e a prova empírica) típicas do cientificismo moderno (MORAES; VEIGA, 2019, p. 2).

Para superar esse impasse, Moraes e Veiga (2019) sugerem a adoção explícita da subjetividade como estratégia. Segundo as autoras, objetividade e subjetividade não devem se excluir, mas serem colocadas de modo complementar. Essa proposta exige que repensemos a epistemologia do jornalismo. Nesse sentido, considero pertinente incluir a pesquisa de Gabriela Almeida (2018) na discussão. O estudo da autora (ALMEIDA, 2018) apresenta reflexões sobre a intersecção entre Estudos Feministas e de Gênero com o Jornalismo. A partir da revisão de pesquisas de pós-graduação sobre essa temática, Almeida (2018) conclui que existe uma predominância de estudos que utilizam apenas gênero como categoria de análise, desconsiderando outras importantes condicionantes que se relacionam com o jornalismo.

Além dessa limitação, há que se pensar o quão comprometidos estão os pesquisadores do campo jornalístico com transformações sociais verdadeiramente abrangentes. Afinal, se mesmo estudos que buscam corrigir desigualdades, assimetrias e preconceitos reproduzem a invisibilidade de outros segmentos, como confiar nas intenções transformadoras que dizem ter?

Acredito que essas questões nos colocam a necessidade urgente de uma virada epistemológica, ou seja, de novas abordagens para fazer e pensar a imprensa e o jornalismo. Evidentemente, não seria possível esgotar todas as dimensões disso neste reduzido espaço. Contudo, procuro abrir o diálogo discorrendo sobre o que chamo de *perspectiva sapatão de análise*.

Antes de detalhar a proposta, faz-se necessária uma ressalva: não é minha intenção adotar uma postura prescritiva sobre referências e modos de investigação a serem adotados pelos estudiosos do Jornalismo ou de quaisquer outras disciplinas. Mesmo porque nem seria coerente com os chamados Estudos Feministas, de Gênero e Queer – com os quais me relaciono em alguma medida. Afinal, guardadas as particularidades de cada uma dessas correntes, há entre elas um elemento consensual: uma certa aversão a rótulos, que “tradicionalmente se constituíam numa imposição”, como bem pontua Guacira Lopes Louro (2007, p. 213).

Minha proposta, ao discorrer sobre uma *perspectiva sapatão de análise*, é fazer uma provocação que nos instigue a refletir sobre o potencial de nossos estudos. Se como detalhei anteriormente, a sapatão reúne em si uma série de rupturas com múltiplos esquemas normativos,

acredito que ela pode ser vista como ponto de partida viável para uma transformação ampla e radical, para uma virada epistemológica.

### A virada epistemológica

Em minha dissertação, o uso da *perspectiva sapatão* impactou a pesquisa em diferentes dimensões. Aqui destaco dois impactos que considero os mais relevantes: a escolha do objeto de pesquisa – a Imprensa Lésbica<sup>4</sup>; e a maneira como esse objeto foi trabalhado, já que o coloquei como dispositivo de crítica ao jornalismo e não apenas como mera alternativa de comunicação. Entendo que esses movimentos alteram nossa forma de conhecer, já que deslocam nosso olhar acadêmico para além dos limites disciplinares do campo no qual estamos inseridos. Ou seja, isso pressupõe uma postura de humildade para reconhecer que as respostas para os dilemas de nossa profissão podem ser oferecidas por sujeitos outros, a partir de saberes não normativos<sup>5</sup>.

No caso de estudos centrados em movimentos sociais ou grupos considerados subalternos, essa questão ganha ainda mais relevância. Afinal, observar suas produções e considerá-las como críticas relevantes ao nosso fazer é uma maneira de reconhecer o potencial criativo desses indivíduos em toda a sua complexidade. Como nos lembra Djamilia Ribeiro (2017), muitas vezes indivíduos subalternizados são reduzidos às dimensões particulares de sua existência e, no debate público, só são ouvidos quando falam sobre essas condições.

Outra vantagem do movimento que proponho é o aprofundamento da função social das pesquisas acadêmicas. Acredito não ser produtivo a mera valorização formal da “diversidade”, “dos excluídos”, “dos oprimidos”. Por isso, destaco que quando me refiro a uma *perspectiva sapatão de análise* não pretendo simplesmente “diversificar” as narrativas acadêmicas. Mesmo porque não vejo a sapatão como uma figura *diversa*, mas sim como uma *dissidente*. Reivindicar uma *perspectiva sapatão de análise* não é, portanto, demandar inclusão, mas sim subversão. Falo desde o lugar da dissidência como propõe Norma Morgrovejo (2008). Para a estudiosa, esse é um “posicionamento político de resistência a toda tentativa de ‘normalização’” (MOGROVEJO, 2008, p. 71, tradução minha<sup>6</sup>).

Precisamos decidir se faremos apenas mudanças de forma para incluir novos atores em nossos discursos ou se vamos envolvê-los efetivamente em nossas práticas. Se quisermos

<sup>4</sup> Ver detalhes da definição em Silveira-Barbosa (2019).

<sup>5</sup> Pesquisadoras da Comunicação como Círcia Peruzzo (1998) e Karina Janz Woitowicz (2019) já vêm trabalhando com uma perspectiva similar no âmbito dos movimentos populares e das iniciativas comunitárias de comunicação há algum tempo.

<sup>6</sup> Texto original: “[...] posicionamiento político de resistencia a todo intento de ‘normalización’” (MOGROVEJO, 2008, p. 71).



caminhar rumo a um patamar onde essas questões não sejam mais motivo de opressão, é preciso pensar nas formas como esses indivíduos e suas práticas foram colocadas como marginais ou menos legítimas.

No meu entender, uma das formas de levar isso adiante é adotar suas *formas* de existir como metáforas de resistência no campo epistêmico. Sublinho formas, no plural, porque não acredito que haja uma única forma de estar no mundo como lésbica ou sapatão – que é a categoria que trabalho aqui, mas que poderia se aplicar a qualquer outra condição. Como detalhei anteriormente, a figura da sapatão desestabiliza uma série de normatividades. De forma que nem me atrevo a defini-la em termos rígidos. Cunho essa expressão tão somente como expressão de um devir subversivo, desidentificado dos padrões hegemônicos de gênero, classe e raça.

### Considerações finais

Com este breve ensaio, meu objetivo foi demonstrar a pertinência de uma abordagem sapatão para o estudo do jornalismo. Sem ter a pretensão de agir de forma prescritiva sobre como devemos tocar investigações, busquei tensionar nossa postura como jornalistas e pesquisadores do jornalismo. Por compreender a centralidade das mídias em nossa sociedade, acredito que devemos refletir sobre o impacto do nosso fazer, repensar nossas bases de trabalho. Penso que a postura de “tolerância” a novos atores sociais é insuficiente, pois não nos leva a mudar as condições que produziram as desigualdades e interrompê-las de uma vez por todas.

Dessa forma, a figura da sapatão, tal como de outros dissidentes das normas sociais, pode ser adotada como ponto de partida para uma mudança de paradigma – tanto na forma de fazer ciência como na forma de fazer jornalismo.

Acrescento ainda que pelas particularidades do momento histórico que vivemos no país, repensar a comunicação e as pesquisas acadêmicas é fundamental. Já não há mais espaço para continuarmos a repetir as velhas referências e formatos – mesmo que tentemos incluir outros sujeitos nessas lógicas. Se essas formas foram o que nos trouxe até aqui, é chegada a hora de abandoná-las, se quisermos progredir.

### Referências

ALMEIDA, Gabriela. **A mulher na pesquisa em jornalismo: teses e dissertações defendidas em programas de Pós-Graduação em Jornalismo e Comunicação no Brasil (1972-2015)**. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.  
CLARKE, Cheryl. Lesbianism: An Act of Resistance. In: MORAGA, Cherrie; ANZALDÚA,



- Gloria (orgs.). **This bridge called my back: writings by radical women of color**. 6. ed. Watertown: Persephone, 1983. p. 128-137.
- LESSEPS, Emmanuèle de. Hétérosexualité et féminisme. **Questions Féministes**, n. 7, 1980, p. 55-69.
- LORDE, Audre. There is no hierarchy of oppressions. **Interracial Books for Children Bulletin**, v. 14, n. 3/4, p. 9, 1983.
- LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1984], p. 67-74.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, n. 46, p. 201-218, 2007.
- MOGROVEJO, Norma. Diversidad sexual, un concepto problemático. **Perspectiva**, n. 8, p. 62-71, 2008.
- MORAES, Fabiana; VEIGA, Marcia. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 11 a 14 de junho de 2019. Anais [...]. Brasília: Compós, 2019.
- PENELOPE, Julia. The Lesbian Perspective. In: ALLEN, Jeffner (ed.). **Lesbian philosophies and cultures**. Albany: SUNY Press, 1990, p. 89-108.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence, **Signs**, v. 5, n. 4, 1980.
- SAUNDERS, Tanya. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. Tradução de Sarah Ryanne Sukerman Sanches. **Periódicus**, v. 1, n. 7, p. 102-116, 2017.
- SILVEIRA-BARBOSA, Paula. **Trajetória da Imprensa Lésbica brasileira (1981-1995): uma história possível pare (re)-pensar o jornalismo**. 2019. 308 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.
- VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- WITTIG, Monique. La pensée straight. **Questions Féministes**, n. 7, p. 45-53, 1980a.
- WITTIG, Monique. On ne naît pas femme. **Questions Féministes**, n. 8, p. 75-84, 1980b.
- WOITOWICZ, Karina Janz. **Periodismo alternativo e militancia feminista: Experiencias de portales digitales con enfoque de género en Ecuador**. Quito: Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. 2019. 118 f. (Postdoctorado) – Programa de Postdoctorado en Comunicación de CIESPAL.

**Recebido em:** 30/12/2019

**Aceito em:** 30/01/2020